

Oculto

Entre o sangue e o metal



Oculto
Entre o sangue e o metal

Reginaldo B. Ribeiro



São Paulo / 2010

Copyright © 2010 pelo autor.
Publicado com autorização. Nenhuma porção desta obra
pode ser reproduzida sem a devida autorização do autor.

Editoração: Magno Paganelli
Revisão: XXXXXXXXX
Capa: Ari Frello
1ª Edição: outubro / 2010
Esta é uma edição de



www.oxygenionline.com
contato@oxygenionline.com

Sumário

Dedicatória.	7
Introdução.	9
CAPÍTULO I – SENTIMENTO DIVIDIDO	11
CAPÍTULO II – AMNÉSIA	15
CAPÍTULO III – O FRIO DE OUTONO	19
CAPÍTULO IV – MILAGRE APÓS DESASTRE.	21
CAPÍTULO V – DENTRO DE SI.	29
CAPÍTULO VI – LONGE DOS AMORES.	31
CAPÍTULO VII – LEMBRANÇAS.	35
CAPÍTULO VIII – TRAZENDO À MEMÓRIA.	43
CAPÍTULO IX – RUAS SUJAS COMO SEMPRE.	49
CAPÍTULO X – MAIS UM BILHETE.	53
CAPÍTULO XI – UMA COISA!.	59
CAPÍTULO XII – TESTEMUNHA SEM CRÉDITO.	63
CAPÍTULO XIII – ATORMENTANDO A NOITE.	73
CAPÍTULO XIV – CASOS DE SANGUE.	77
CAPÍTULO XV – ALGO DO PASSADO.	83
CAPÍTULO XVI – MAIS UMA VÍTIMA DESFIGURADA.	87
CAPÍTULO XVII – APARIÇÃO SINISTRA.	95
CAPÍTULO XVIII – UM TEMPO ATRÁS.	101
CAPÍTULO XIX - ABSORTO.	105

CAPÍTULO XX – A INVESTIDA DO SER OBSCURO. . .	107
CAPÍTULO XXI – TRÁFEGO INFERNAL.	117
CAPÍTULO XXII – VISITANDO A AMIGA.	123
CAPÍTULO XXIII – PRESENTE IDEAL.	135
CAPÍTULO XXIV – UM ENCONTRO.	139
CAPÍTULO XXV – O BELO SONHO.	149
CAPÍTULO XXVI – NO ORFANATO.	155
CAPÍTULO XXVII – GRANDES REVELAÇÕES.	163
CAPÍTULO XXVIII – O MENSAGEIRO.	173
CAPÍTULO XXIX – A LÂMINA EXCELENTE.	181
CAPÍTULO XXX – A INVESTIDA DA NOVIÇA.	189
CAPÍTULO XXXI – O RESGATE.	197
CAPÍTULO XXXII – CHAMAS E TREVAS.	205
CAPÍTULO XXXIII – FUMAÇA E CINZAS.	211
CAPÍTULO XXXIV – ENTRE O SANGUE E O METAL. .	213
CAPÍTULO XXXV – UNIDOS DE ALMA.	217

Dedicatória

Dedico a M. L. de Fátima (minha mãe), J. B. Ribeiro (meu pai), A. J. Ribeiro (meu irmão) e a todos que tem gostado das estórias que tenho escrito. Satisfação em ter vocês aqui comigo e um grande abraço a todos os amigos que têm feito questão de ter um exemplar deste Romance em sua estante.



Introdução

Quem não sente o sabor da vida? Quem não ama alguém?
Quem não luta para vencer? Quem não vive uma aventura?
Quem não queria ser outra pessoa ou ser diferente de todos?
Quem nunca descobriu um segredo antigo de sua família?
Quem não quer um milagre?

Nojentas vielas!

As ruas estão pálidas e gélidas na madrugada onde apenas os cães e gatos fazem arruaças pelos becos e latões de lixo espalhados no chão imundo dos largos e calçadas.

Segredos antigos e guardados a um passo de mudar a vida de um garoto, logo um homem como a Grande Obra, secreta, porém alcançada por alguns.

De forma notável Miguel descobre que é dotado de algo que ele imagina ser poder, destreza ou absurda habilidade. Uma criança normal; uma adolescente comum; um jovem sonhador; e um adulto enfrentando o cotidiano natural. Mas, o sobrenatural existe e disso ele não tem como negar. As circunstâncias o levaram à caminhos sinuosos e pouco

percorrido por pessoas simples ou indiferente ao mundo invisível e inóspitos de maneiras exorbitantes.

Cuidar de quem se ama é uma tarefa não muito fácil em determinadas situações. A falta de compreensão e as dificuldades tornam-se bifurcações atenuantes dentro e fora da alma. Consertar o que precisa ser consertado obtendo a consequência e a coerência dos ajustes aplicados nas situações mais variadas. Saber o que se deve fazer. Aplicar-se com todo empenho e esmero. Esgalhar-se em todas as possibilidades que o toque eufêmico da vida pode oferecer ao herói vivo ou morto e bem composto pelas facetas que formam a determinação e a coragem dum coração aplicado de Alma, Sangue e Metal.

Capítulo 1

SENTIMENTO DIVIDIDO

Na calçada suja de uma rua pouco movimentada ele lia um livro de ficção com muitas páginas de ação e emoção. Parecia empolgado com cada detalhe descrito ali e fomentava seu apreço pela aventura fantástica. Parecia estar perto do fim do penúltimo capítulo e mudava de posição na calçada fria quando alguma parte de seu corpo ficava dolorido. De pronto fechou o livro e deixou o desfecho do último capítulo para outra hora. Elevou os olhos à figura mais linda que passava por uma esquina próxima. A luz da tardinha capturava o rosto lindo da mais maravilhosa garota daquele bairro. Eram minutos espetaculares de contemplação até que se perdia de vista atrás de postes e passeios arborizados. Tardes incansáveis dormiam no vespertino momento do ocaso antes das trevas dominarem o céu revestindo o lençol azul-escuro de magníficas estrelas cintilantes. A nostalgia que percorria seu âmago parecia revelar que outras vezes lera o mesmo romance, porém não lembrava do final dele. Porque o momento mágico seria esse em que uma figura feminina aparecia e sem querer perder tal vista não deixava de fitá-la com apreço e sentimentos impressionantes. O ar tornava mais leve enquanto cultivava o olhar fixo na bela e a brisa soprava seu rosto girando seu mundo de interpretações e lamúrias. Cruel o mundo ou o tempo que rouba o simples prazer e os

instantes preciosos de visões majestosas e indicam a falta de se ter alguém mais perto. Era jovem. Muito jovem. Na verdade, adolescente. E, por isso muita vida ainda estava para ser vivida, cria ele. Os certos tormentos noturnos encheriam todos os âmbitos e isso não demoraria a acontecer. Havia certa hora e hora certa houvesse o que houvesse. Sairia dali para sua casa que não era tão longe ou se intrometeria nas atividades do mundo incerto de tanta maldade contra a bondade. Uma luta milenar. Não lembrava de nada de sua infância, mas um dia saberia de alguma coisa, cria ele. Seus pais adotivos eram bons para com ele e seu interior se perguntava se ele tinha sido bom para com seus pais todo esse tempo desde que saíra do orfanato. Um adolescente magricela de cabelos castanhos clarinhos. Cabelos que a luz do sol dourava. Dotado de uma beleza angelical e de olhos e sorriso maravilhosos. Seus pais adotivos lhe chamavam: meu anjo!

Por adorar ficções, cultivava a ideia de que seria um anjo de fato. Gostava de ficar nas partes altas. Subia em muros, árvores e construções e via tudo de cima. Seu coração batia forte e isso é coisa terrena e não angelical. Ignorando esse fato ele nutria o pensamento de que em alguns momentos ele não precisava respirar. Principalmente naquele instante em que via sua garota passar vindo da escola. Estudava na parte da manhã e à tarde lia ficções. Não era muito estudioso porque pegava tudo com muita facilidade, sempre tinha as melhores notas da sala.

Pensava muito na distância que mantinha daquela menina e se consumia no seu adolescente amor. Seria capaz de namorá-la? Mesmo se fosse anjo? O orfanato não tinha dados sobre seus pais verdadeiros. Sabia-se apenas que ele fora a única vítima sobrevivente de um desastre de carro. Há muito resolvera parar de tentar saber do milagre de estar vivo, pois a mágica era o amor que enchia o interior das pessoas. E, ele só podia pensar nisso no momento. Teria a mesma natureza

dos outros amantes? Os colegas da mesma rua lhe impuseram o desafio de chegar à menina e saber se ela também toparia a ideia de irem ao cinema qualquer dia daqueles de verão.

O cinema aconteceu. Rolou como o esperado. Gaguejou um bocado até que conseguiu falar com ela e ela veio a topar a saída. Do filme ele não se lembrava direito, mas das mãos delicadas da menina ele nunca se esqueceria. Da pipoca salgada e do beijo que teve sabor de manteiga, essa que engordurou os dedos das mãos deles. Uma galera de oito pessoas. Adolescentes. Amigos que acabavam de sair do cinema e se dirigiam ao ponto de ônibus mais próximo. Os dois apaixonados iam acompanhando os amigos no fim da fila por um largo imundo de lixões revirados por gente e cachorros de rua. Seus olhos percorreram a maldade implícita no coração de três adultos fedendo a bebidas e cigarros. Apertaram o passo até chegarem ao ponto. O poste dali tinha uma luz fraca e a noite entrava na casa das onze horas.

- Tênis, criançada. Ouviram? – um sujeito de barbas mal feita se aproximou deles e exibiu uma lâmina que não brilhou por estar suja.

Seu sangue parecia lava vulcânica e seu coração disparou de preocupação com a namorada e os amigos. Duas meninas que principiaram a digitar no celular os números para o socorro foram impedidas com bofetadas violentas e os celulares se espatifaram no asfalto.

- Espero não bater mais em ninguém. Tênis e dinheiro galerinha! – encostou a mão em Dahlia.

- Tire suas mãos fedorentas dela – pronunciou o garoto enamorado. A fúria lhe subia nas veias em forma de uma erupção catastrófica como se pudesse expeli-la como lava. Seus punhos se fecharam e seus olhos fixaram às figuras horrendas da noite que prejudicavam seu primeiro encontro com a amada e seu passeio com os colegas.



Capítulo 11

AMNÉSIA

Acordou balançando a cabeça pesada e pensara se aquilo tinha sido um louco sonho. Pegou o celular e viu a mensagem enviada por Dahlia: “Hoje tem festa na casa do Fabrício... se estiver melhor, compareça. Ontem eu fui te ver. Bjs.”

Levantou desnorteadado e se olhou no espelho. Achou que estaria com um olho roxo pelo menos e não constatou nada. Desceu as escadas e entrou na cozinha.

- Seu café está na mesa meu anjo – a doce voz de sua mãe acalmou o fervente coração, ele estava incerto do que acontecera. Teria sido obra de sua mente fantástica?

- Que houve comigo? – fitou a mãe que trazia um bolo de cenoura coberto com chocolate.

- Você não se sentiu bem desde que saiu do cinema antes de ontem e seus amigos lhe trouxeram para casa.

- Eles estavam bem? Quero dizer... não teve ninguém machucado? Nada de polícia e bandidos? – os olhos do garoto percorriam no semblante amoroso da mãe dedicada.

- Meu amor. Peça para que pare de ler essas coisas na parte da tarde e pratique algum esporte. Saia mais com seus amiguinhos – apontou umas revistas em quadrinhos e romances policiais num cesto no canto da copa.

- Ontem, eu dormi o dia inteiro? – pois não se lembrava da visita da menina.

- Depois que viemos do hospital sim. Dormiu a tarde inteira.

Silenciou-se e comeu como se não visse comida por mais de dois dias. E passando por seus livros resolveu ignorá-los nesta tarde de um céu aberto e ensolarado. Olhou para o telefone e não quis ligar para Dahlia. Pois deixaria o que tinha de falar e perguntar sobre o tal dia do cinema para a hora em que a encontrasse, na casa do amigo, mais tarde.

Na pequena praça aglomeravam amigos e conhecidos que iriam curtir a festa de logo mais e o garoto meio tonto de medicamentos chegou e se juntou ao grupo dos mais chegados. Aqueles que foram ao cinema outro dia. Maddoc, Teddy e Lianna escorregaram de mansinho e atravessaram a rua dizendo que comprariam refrigerantes do outro lado da praça.

- O que houve com eles? – anunciou o fato de terem saído antes de receberem os cumprimentos do amigo recém hospitalizado.

- Não houve nada... eles voltarão logo – respondeu Dahlia dando-lhe um estalado beijo na bochecha. – Como é bom te ver corado e em pé. Você nos pregou um grande susto naquele dia...

- Não me lembro de nada. Havia três sujeitos estranhos naquele ponto de ônibus, não havia?

- Não. Três homens se aproximaram quando viram que a gente tinha problemas para te carregar e um deles chamou a ambulância.

- Delirei!? Eu tava muito mal... - a própria afirmação lhe fez sentir um idiota.

- Bota mal nisso!

O menino balançou a cabeça não querendo concordar com o que pareceu ser delírio, embora tão real em sua cabeça.

Tirou o braço do pescoço da namorada e fitou Clara e Anne. Notou hematomas no rosto e pescoço de uma e nos braços e testa de outra. Todos mal escondidos pela maquiagem.

- Que aconteceu com vocês? – apontou para o próprio rosto indicando os roxos e vermelhões das meninas.

- Vocês foram de ambulância e – apontou para o casal de namorados – nós pegamos um ônibus lotado que sofreu um pequeno acidente... eu e Anne beijamos o chão nojento e frio daquela maldita condução. Era a última viagem daquele motorista e ele abusou em atravessar um farol que já estava passando do amarelo, daí veio uma freada brusca e feia.

Abriram um sorrisinho obtuso, pois gargalhada não caberia a um dia de tantos incidentes.

A galera em peso foi para a casa do Fabrício e o som já estava ensurdecedor. Um Dj animava a festa rolando muito som eletrônico deixando os adolescentes alucinados e delirantes. O menino saiu da festa não suportando a primeira hora de muita música e dança. Os amigos o olharam de um jeito desdenhoso como se não fizessem questão da presença dele ali na festa. E ele caminhou vagorosamente até a esquina e quando olhava para trás via as luzes e raios lasers como coisa louca e degradante. Não suportou. Sua namorada numa chispa veio após ele:

- Miguel – esse era seu nome. Pelo menos o nome que seus pais adotivos o chamavam. Muitas vezes pensara ou sonhara com seu verdadeiro nome. Aquele que seus pais biológicos colocaram ou pensaram em colocar.

- Dahlia, se quiser ficar lá não me importo. Eu saí porque não consigo suportar o som. Deve ser uma reação do remédio que me deixa meio mole – fitou a menina com sinceridade nos olhos e – eu não quero estragar sua festa. Sua noite. Nunca mais quero estragar.

Dahlia que segurava sua mão aos poucos foi se soltando e seu semblante foi abrindo um amigável sorriso daqueles que

garotas dão em troca de um agradecimento verbal ou no lugar de um abraço apertado.

- Você é sem igual!

Dois garotos mal encarados curtiram a cena da separação e logo que a menina voltou para festa um deles entrou dando uma cotovelada no parceiro, como quem diz: essa que eu tava esperando!

O menino viu a cena e nutriu pensamentos estranhos da qual sempre teimava em pensar: não sou igual aos outros; não sou terreal; tenho poderes; se eu me esforçar poderei ler pensamentos. E, de longe meditava ou encasquetava com uma de suas atitudes e a pior delas foi deixar Dahlia para outro alguém. Se fosse para alguém melhor e normal não teria problema, pensava. Subiu no muro alto de uma construção e ficou velando a festa que se recusava a terminar. Não vira outra vez, nessa noite, a sua ex e achava bom que não a visse mesmo, ainda mais com outra pessoa. A madrugada era bem agradável e sua posição de guardião, de pé sobre o mais alto muro, foi mantida até que o último casal abandonou a casa do amigo festeiro. Ainda bem – pensava! - Nem sinal de Dahlia. Nem sinal de Anne ou Clara – tanto faz – deu de ombros.